

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: *Panará 1-14*

Data: *01.02.74*

Pg.: \_\_\_\_\_

*Funai fará expedição para tentar localizar botocudos*

Belém, Brasília e Cuiabá (Correspondentes e Sucursal) — O antropólogo Fiorello Parise, que viajou para substituir o sertanista Antônio Campinas junto aos kreen-akarores da frente de atração do rio Peixoto de Azevedo, em Mato Grosso, descobriu na região da Rodovia Perimetral Norte — Território do Amapá — vestígios de índios de uma tribo desconhecida, que se presume sejam botocudos, segundo se revelou em Belém. Uma expedição tentará localizar os índios.

Em Brasília técnicos denunciaram ontem que os postos Riozinho, Sete de Setembro e Roosevelt, onde vivem mais de 3 mil cintas-largas, ficaram fora do Parque Aripuanã, cujos limites foram reduzidos na semana passada por decretos do Presidente Médici. Em consequência a Fundação terá grande prejuízo — os três postos tinham campos de pouso — e a sobrevivência do grupo está ameaçada.

**OS VESTÍGIOS**

O delegado regional (Funai) em exercício, Sr. Amauri Azevedo, informou em Belém que nos próximos dias seguirá uma expedição para o Território do Amapá, onde Fiorello Parise, ex-chefe do posto de Amapari, localizou vestígios de uma tribo, às margens do rio Amapari, a 100 quilômetros de Macapá.

Fiorello encontrou apetrechos indígenas e ouviu de pescadores e caçadores o testemunho de que índios apareceram na área diversas vezes. Acredita-se que esses índios sejam os botocudos, que várias expedições da Funai inutilmente tentaram localizar em 1969.

O antropólogo levou a notícia a Brasília e pretendia chefiar a expedição para localizar os índios, mas foi transferido para a frente de atração do rio Peixoto de Azevedo, onde substituirá Antônio Campinas, acusado de induzir os kreen-akarores à prática do homossexualismo.

**A MISSÃO**

Com dois índios txucarramães do Parque Nacional do Xingu, Parise deixou ontem Cuiabá, resolvendo a tornar o posto da Funai no Peixoto de Azevedo inteiramente auto-suficiente e a reduzir os contatos entre os kreen-akarores e os soldados do IX Batalhão de Engenharia, que trabalham na Estrada Cuiabá-Santarém.

Ele considera esses contatos "altamente prejudiciais pelos traumas provocados na comunidade indígena" e sobre isso conversou com o comandante do Batalhão, Coronel José Meireles.

Por observações colhidas por sua irmã, socióloga Valéria Parise, que esteve recentemente nas frentes de atração, ele deduziu que seduzidos pelas máquinas, pelos presentes que recebem dos soldados e pelo bom tratamento dos oficiais, os kreen-akarores chegam a caminhar 80 quilômetros por dia para se juntar aos militares da estrada. O resultado é o abandono das roças, que poderá levar os índios a enfrentar muito em breve "uma fome sem precedentes".

Os txucarramães que acompanham Parise conhecem bem a língua dos kreen-akarores e substituirão os xavantes, recentemente envolvidos em conquistas amorosas com mulheres do grupo.

O sertanista Campinas, segundo a Quinta Delegacia da Funai, foi "deslocado para outra missão na Perimetral Norte".

**OS CANOEIROS**

Três índios xavantes partiram ontem de Brasília, ao encontro de Israel Praxedes que, com técnica arriscada conhecida por *estilo Apoena* — eliminação da fase de namoro e procura direta do aldeamento com presentes e atitudes pacíficas — espera nas próximas horas manter contato com os avás-canoeiros

em Cavalcanti, 350 quilômetros ao Norte do Distrito Federal.

Da frente de atração, onde vigia o aldeamento localizado recentemente, Praxedes pediu à Funai a ajuda dos xavantes como rastejadores, porque os avás-canoeiros poderão deslocar-se a aproximação de civilizados. Nos deslocamentos eles levam grande vantagem, por causa das chuvas nos cerrados goianos.

Os xavantes são da reserva Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, e têm muita prática em rastejamento, mesmo em terrenos alagadiços.

Um grupo de 12 avás-canoeiros — última comunidade selvagem e arredia de Goiás — foi encontrado e pacificado há dois meses por Apoena Meireles, no município de Formoso do Araguaia. Eles são uma facção da tribo de Cavalcanti, composta de 40 a 50 índios, segundo se supõe. Na atração Meireles usou a técnica que Praxedes pretende seguir agora, apesar de perigosa.

**A INTELIGÊNCIA**

Em Belém o professor Albert Graham, norte-americano da Califórnia, que realiza pesquisas para o Summer Institute of Linguistics (EUA), está impressionado com a facilidade de assimilação e a inteligência privilegiada da maioria dos 22 índios de 12 tribos que frequentam o Curso de Treinamento para elaboração de uma literatura indígena. O professor é um dos orientadores do curso.

Como exemplo o Sr. Albert Graham apresentou um texto escrito pelo índio Maxico na língua satare-mawe, da tribo Andirá, que vive às margens do rio Andirá, no Amazonas. A língua — sustentada o Sr. Graham — é uma das 177 faladas pelas diversas tribos brasileiras e é comum à região dos rios Andirá, Marau, Miriti, Mawe-Açu, Mamuru, Urupadi, Aryan, Uaicurupá, Mariaquã, Gurumatuba e Baixo-Madeira, onde vivem 40 tribos com cerca de três mil índios.

Segundo o professor os andirás descobriram o guaraná.

**A DENÚNCIA**

Os decretos assinados pelo Presidente Médici — denunciam técnicos — reduzem o Parque Aripuanã e interdita outras duas áreas onde estão os postos Riozinho, Sete de Setembro e Roosevelt pelo prazo de dois anos, durante os quais a Fundação terá de remover os aldeamentos para dentro do Parque.

A medida em que a transferência se realizar — sustentam os técnicos — os postos perderão a razão de existir e a área poderá ser gradualmente liberada à exploração econômica. A própria remoção fere a política indígena, que é de fixação do índio à terra.

Em quatro anos — adianta a denúncia — esses índios foram relegados a situação de abandono e miséria, após a pacificação feita por Francisco Meireles e seu filho Apoena. Na área do único posto que ficou no Parque — o de Serra Morena — os cintas-largas se entregaram aos vícios e suas mulheres são prostituídas por caçadores, mateiros ou garimpeiros.

Os cintas-largas do Aripuanã representam a maior nação indígena brasileira em estágio primitivo.

O Instituto Brasileiro do Café doou à Funai um avião bimotor, modelo Queen Air, que será usado em serviço de apoio aos trabalhos de atração e pacificação na área da Perimetral Norte.

Ao anunciar a doação, ontem em Brasília, a Funai explicou o regime de comodato pelo qual o avião foi cedido por cinco anos prorrogáveis. A Funai já tinha dois Islander, de fabricação inglesa, e utiliza também aviões da FAB, do Ministério do Interior e do Summer Institute of Linguistics, dos Estados Unidos.